



AS RELAÇÕES ENTRE ESPAÇO E MATERNIDADE EM *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

DOI: 10.48075/ri.v25i2.30636

Flaviane Ferreira de Souza Batista¹
Carolina Aparecida da Silva²
Amanda Maria da Silva³
Amaury Carneiro Freitas Filho⁴

RESUMO: Neste artigo, analisaram-se as relações entre espaço e maternidade em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus (2014). Neste estudo, buscou-se demonstrar, por meio da análise da narrativa, as relações entre espaço e representação da maternidade encenada pela narradora-personagem da referida obra. Além disso, investigou-se a construção da personagem Carolina, observando-se sobretudo a perspectiva sociocultural no espaço narrativo e demonstrando as intrínsecas relações entre esse espaço e o contexto de formação desse sujeito materno. Para a realização desta pesquisa, serviram de norte teórico-metodológico os conceitos de topoanálise (BORGES FILHO, 2007), de personagem de ficção (CANDIDO, 2009), de identidade (HALL, 2006), assim como os de maternidade e maternagem (GRADVOHL; OSIS; MAKUCH, 2014). Observou-se a interferência do espaço no comportamento da personagem, considerando também as relações que ela mantinha com seus filhos, com seus vizinhos e consigo mesma. Embora a narradora-personagem mantivesse uma relação negativa com o espaço onde ocorre a maior parte da narrativa, é justamente essa relação que a impulsionava a ser uma mãe provedora e protetora para seus filhos, estabelecendo com eles um forte vínculo afetivo, ou seja, indo além da maternidade e alcançando a maternagem.

¹ Mestranda em Linguística do Texto e do Discurso, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: flaferreira3@gmail.com

² Licenciada em Língua Portuguesa e suas Literaturas, pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte. E-mail: carolinaapsilva1993@gmail.com

³ Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira, pelo Instituto Pedagógico de Minas Gerais (IPEMIG). E-mail: amandaturmalina@hotmail.com

⁴ Licenciado em Língua Portuguesa e suas Literaturas, pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte. E-mail: amaury47@gmail.com

Palavras-chave: Maternidade; Espaço; *Quarto de Despejo*

THE RELATIONS BETWEEN SPACE AND MATERNITY IN "CHILD OF THE DARK: THE DIARY OF CAROLINA MARIA DE JESUS"

ABSTRACT: This article analyzes the connections between the concepts of space and maternity in "Child Of The Dark: The Diary Of Carolina Maria De Jesus" (2014). This study uncovers, through a narrative analysis approach, the relations between space and the portrayal of maternity by the narrator-character of the work. In addition, the construction of the character of Carolina is also scrutinized, observing the sociocultural perspective in the narrative space and demonstrating the intrinsic relations between this space and the context of formation of the maternal subject. The concepts of topoanalysis (Borges Filho, 2007), fictional characters (Cândido, 2009), identity (Hall, 2006), maternity and mothering (Gradwohl; Osis; Makuch, 2014) serve as the theoretical-methodological framework for this research. The impact of space on the character's behavior was noticed, including her relationships with her children, neighbors, and herself. Although the narrator-character's negative relationship with the space in which most of the narrative takes place, it was precisely this relations that drove her to be a nurturing and protective mother for her children, establishing a strong emotional bond with them, transcending maternity and reaching motherhood.

Keywords: Maternity, Space, Child Of The Dark.

“Tem pessoas que saem das Universidades para ser escritora. Eu sai da favela. Sai do lixo. Sai do Quarto de Despejo. E meu nome corre o mundo”.

(Carolina Maria de Jesus)

INTRODUÇÃO

Quarto de despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus (2014), é um diário que foi publicado em forma de livro e relata o dia a dia de uma moradora de uma comunidade de São Paulo na década de 1960. Escrito por uma autora que vivia à margem da sociedade paulistana da época em que foi publicado, esse livro apresenta características linguísticas comuns às pessoas da comunidade da qual a escritora fazia parte. Nele, a personagem principal, homônima da escritora, relata suas agruras, sua luta para sobreviver e criar sozinha seus três filhos. Um dos temas de maior recorrência na obra é a fome: “escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados” (JESUS, 2014, p. 195).

A personagem principal descreve, com detalhes, os principais aspectos e problemas enfrentados pelos moradores da comunidade Canindé, onde a história é ambientada. Além da falta de saneamento básico e da estrutura precária, a maioria das casas era construída com madeiras e lonas, o que demonstra a miséria dos moradores. Além disso, a violência também é tema recorrente na história. As crianças brincavam em meio ao esgoto e presenciavam atos de violência, vícios e obscenidades. Esse tipo de exposição causava um enorme descontentamento em Carolina, uma vez que sua grande preocupação girava em torno da criação dos filhos e do futuro que eles teriam vivendo num ambiente como aquele. A educação, para ela, era um valor inegociável e, por isso, estava disposta a todo tipo de sacrifício em prol das crianças. Assim, por diversas vezes, ela se privava dos poucos alimentos disponíveis para alimentar seus filhos.

Considerando-se a importância dos aspectos espaciais na obra e a marcante personalidade de Carolina, que se comportava como um sujeito crítico e ativo, lutando para vencer as dificuldades ímpares para criar seus filhos decentemente na comunidade do Canindé, objetiva-se, neste artigo, analisar a relação entre espaço e maternidade em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus (2014).

Com isso, espera-se contribuir para a ampliação dos estudos acerca da obra de Carolina Maria de Jesus, trazendo à cena a voz de uma mulher negra, pobre, com pouco estudo, mas que, no entanto, conseguiu fazer-se entender, levando a inúmeros leitores a sua voz e a sua identidade através de sua escrita.

Embora seja um diário, considera-se *Quarto de Despejo* uma obra ficcional, pois foi escrito para ser publicado. Dessa maneira, “não compactua mais com a ideia de confessar para si o inconfessável, pois a publicação está posta” (MARTINS, 2013, p. 128). Nele, apesar da ficcionalidade, percebem-se diversos assuntos que ainda são recorrentes na sociedade atual, visto que, ainda que tenha havido mudança positiva, altamente relevante, no contexto espacial e social de algumas favelas, hoje chamadas de comunidades nos grandes centros, questões como a fome, os conflitos sociais, a prostituição, as dificuldades de uma mãe solteira para criar seus filhos sozinhas, entre outras, ainda são muito comuns, tanto nas comunidades quanto fora delas. Além disso, essa obra mostra a imagem de uma personagem crítica, que tem consciência de que a miséria é um problema social, resultado de processos políticos e históricos:

Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo.
Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a

dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o paiz dos políticos açambarcadores (JESUS, 2014, p. 39).

Tendo em vista que o espaço e o sujeito influenciam-se em uma narrativa, considerou-se o espaço da favela como fator primordial para a construção da identidade do sujeito materno em *Quarto de despejo*, devido principalmente aos sentimentos dolorosos que a favela provocava em Carolina, devido à vida que seus filhos levavam naquele ambiente. Supõe-se que isso tenha determinado profundamente o seu comportamento como mãe.

PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para se alcançar os objetivos desta pesquisa, escolheu-se o método monográfico, de caráter qualitativo e descritivo, sendo uma pesquisa que consiste na análise de uma obra e de seus aspectos narrativos: “a investigação deve examinar o tema escolhido, observando todos os fatores que o influenciaram e analisando-o em todos os seus aspectos” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 108). Portanto, serão abordadas questões que dizem respeito à influência que o espaço exerce em fatores tanto coletivos quanto individuais das personagens que são relevantes para a elaboração desta pesquisa. Foi feita revisão da fortuna crítica relativa a essa obra da autora, seguida de levantamento de alguns conceitos-chave para a análise. Após, investigou-se como o espaço ficcional age sobre as personagens, especialmente sobre a figura materna de Carolina. A partir da escrita, ou seja, da escolha de palavras e da descrição dos espaços na obra, foi analisado o comportamento da protagonista em diversas situações, assim como suas intenções, seus objetivos como ser social e economicamente necessitado.

A obra de Carolina Maria de Jesus tem uma considerável fortuna crítica, tendo em vista que muitos foram os estudiosos que se dedicaram à escrita caroliniana. Selecionaram-se três trabalhos que tratam de temas relevantes para esta pesquisa, como o contexto histórico, o espaço em que a autora estava inserida e como a obra de uma mulher negra, mãe solteira e moradora de periferia conseguiu ser reconhecida pela crítica.

O primeiro deles é de Fabiana Rodrigues Carrijo Dnda (2011), que analisou o contexto social em que a obra de Carolina foi produzida e a subjetividade do discurso da autora. De acordo com Dnda (2011, p. 6), “escrever a partir de um ponto de vista ‘marginalizado’ [...]

especialmente, se atentarmos para o fato de que escrever, comumente, fora considerado um ofício masculino” demonstra a singularidade da escrita caroliniana.

O segundo é de Eliane da Conceição Silva (2016), que ressalta a importância do espaço não só na construção de *Quarto de Despejo*, mas também na carreira literária da autora:

Carolina não se restringia apenas ao ambiente doméstico. Obrigada pela miséria material a lutar diariamente pela própria sobrevivência, posto que, se não fosse às ruas, nem ela nem os filhos teriam o que comer, sua escrita autobiográfica adquire contornos próprios, e, não fosse essa intensa dificuldade material, provavelmente sua escrita teria se desenvolvido ainda mais. (SILVA, 2016, p. 56).

O terceiro é de Christiane Vieira Soares Toledo (2010). Para ela, a “originalidade da obra de Carolina Maria de Jesus foi o ponto mais alto da literatura que produziu” e que, portanto, a qualidade alcançada por ela consiste em “sua visão de mundo avançada para sua classe e época”. A pesquisadora diz ainda que a escrita de Carolina “levantou algumas bandeiras em prol das minorias, e isso se faz muito presente em seu texto” (TOLEDO, 2010, p. 3).

Nesses trabalhos, percebe-se o destaque dado à subjetividade da escrita de Carolina Maria de Jesus, à favela como espaço de construção identitária e ao lugar da mulher negra na literatura nacional. Esses são aspectos relevantes para este estudo, assim como nessas pesquisas.

Alguns conceitos foram selecionados para subsidiarem esta análise: *espaço* ou *topoanálise*, na perspectiva de Borges Filho (2007), *personagem*, a partir da ótica de Antonio Candido (2009); *identidade*, sob o ponto de vista de Stuart Hall e *maternidade/maternagem*, discutidos por Gradwohl, Osis e Makuch (2014). Esses conceitos embasaram os apontamentos e guiaram esta investigação nos aspectos que envolvem o objeto de estudo, como a diversidade identitária da personagem, o lugar do qual é desenvolvido o seu discurso e outros.

O espaço onde se desenrola a narrativa de *Quarto de despejo* foi analisado a partir da topoanálise. Essa concepção teórica, desenvolvida e ampliada por Borges Filho (2007), a partir da terminologia cunhada por Bachelard (1989), não se limita apenas às características geográficas em que o enredo se passa, mas leva em consideração todos os tipos de influência que o espaço exerce em relação à criação do sentido literário na obra. Portanto, a topoanálise vai além de uma visão meramente territorial, pois engloba aspectos social,

cultural e psicológico das personagens e a interação destas com o espaço. Assim sendo, a toponálise consiste em uma

[...] investigação do espaço em toda sua riqueza, em toda sua dinamicidade na obra literária. O toponalista busca desvendar os mais diversos efeitos de sentidos criados no espaço pelo narrador: psicológicos ou objetivos, sociais ou íntimos, etc. (BORGES FILHO, 2007, p. 33).

Para Borges Filho (2007), o espaço tem as seguintes funções em uma obra literária: caracterizar as personagens, situando-as no contexto socioeconômico e psicológico em que vivem; influenciar as personagens; propiciar e sofrer suas ações. Todas essas foram utilizadas na análise e relacionam-se, respectivamente, com o fato de o espaço dar à personagem uma condição social pejorativa – favelada, fazendo com que ela se caracterize como algo sem valor e descartável; influenciar diversas atitudes de Carolina e propiciar as ações da personagem desde as discussões dela com os vizinhos até a decisão de trancar os filhos por não confiar na segurança da comunidade.

Assim sendo, entende-se que, para que ocorra uma boa análise do espaço em uma obra literária, deve-se considerar não somente os aspectos físicos/geográficos do local, mas também os culturais, sociais, íntimos ou psicológicos e os vários efeitos de sentidos que o espaço projeta no narrador e nas outras personagens (BORGES FILHO, 2007). Essa concepção teórica permitiu estabelecer relações entre o espaço e o sujeito materno em *Quarto de despejo*.

Ao se tratar do sujeito na literatura, o presente estudo se limita à abordagem de um ser figurado no decorrer da – e pela – trama narrativa (REIS, 2015). Trata-se de um determinado sujeito envolto em situações que se definem no espaço da obra de arte, seres expostos a conflitos sociais e psicológicos ligados a valores éticos e morais (CANDIDO, 2009):

[...] a grande obra de arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar (exemplar também no sentido negativo). Como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores (CANDIDO, 2009, p. 45).

Ou seja, os elementos que definem uma personagem, sejam eles religiosos, morais, psicológicos e político-sociais, estão espacialmente situados e variam de acordo com o espaço em que essas personagens se encontram (CANDIDO, 2009). Em *Quarto de Despejo*, observa-se a recorrência desses fatores e a influência deles na definição dos contornos da

narradora: Carolina se deparava, muitas vezes, com situações diante das quais ela precisava se controlar, ignorar alguns acontecimentos para evitar confusões, apesar de sua revolta inclusive com os mexericos e as calúnias. Ela fazia isso por não querer se comparar às demais moradoras da comunidade do Canindé.

Quando se fala em sujeito, fala-se também em identidade. Sobre isso, Hall (2006, p. 11) afirma que, “de acordo com [...] a concepção sociológica [...], a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. [...] A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público”. Portanto, a identidade de Carolina não se situa apenas entre o interior e o exterior do *eu*, mas está colocada também entre a modernidade e a pós-modernidade (ou modernidade tardia), uma vez que o diário mescla afirmação identitária com sua concomitante fragmentação, seus contrastes e conflitos.

A multiplicidade identitária de Carolina Maria de Jesus demonstra aquilo a que o estudioso chama de descentramento identitário, uma dessas identidades é a materna. Considerando os conceitos de maternagem e maternidade de Gradwohl, Osis e Makuch (2014), a relação social e genética entre mãe e filho é posta em dois campos diferentes:

Enquanto a maternidade é tradicionalmente permeada pela relação consanguínea entre mãe e filho, a maternagem é estabelecida no vínculo afetivo do cuidado e acolhimento ao filho por uma mãe. [...] a valoração e a vivência da maternidade e da maternagem variam historicamente e de acordo com a inserção das mulheres em culturas específicas (GRADVOHL; OSIS; MAKUCH, 2014, p. 2).

Em *Quarto de Despejo*, a personagem principal tem a condição materna como norteadora de suas ações, sendo que o espaço exerce uma grande influência sobre a narradora e é um dos fatores determinantes para a construção da identidade materna dessa personagem. A protagonista refere-se ao local em que vive, a favela do Canindé, de uma forma singular e subjetiva. Dito isso, faz-se necessário ressaltar que a personagem se sente deslocada naquele ambiente, uma vez que a favela é descrita por Carolina como o “quarto de despejo” de São Paulo, local onde só se “coloca/descarta” aquilo que não é mais necessário ou que não tem serventia:

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade [São Paulo] tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo [...] Sou rebotalho.

Essa relação emocional entre a personagem e o espaço se dá de forma negativa: por meio do próprio título do livro, já é possível perceber esta relação. O modo como a protagonista percebe sua própria identidade já é anunciado através da metáfora presente no título da obra – *Quarto de despejo*, a qual aponta para um espaço repulsivo, desprezível.

A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO E MATERNIDADE EM *QUARTO DE DESPEJO*

A maternidade, esse vínculo sanguíneo e afetivo entre mãe e filho, envolve vários aspectos – desde condições genéticas até condições emocionais. Na obra, Carolina se caracteriza como uma mãe solteira, negra, que sustenta os três filhos sem ajuda da família, de um cônjuge ou do pai das crianças. Essa condição social e cultural da personagem proporciona a construção de uma maternidade sofredora, árdua e constante. Essa posição é construída em meio a princípios culturais advindos de suas experiências de vida, como a necessidade de colocar os filhos na escola para serem pessoas educadas e cultas. Esses princípios estavam sujeitos às condições sociais nas quais a narradora estava inserida e unidos à sua autoimagem, pois, embora não questionasse suas raízes, ela se declarava pobre, negra e favelada.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2014, p. 64).

Carolina gostava e valorizava sua identidade cultural e racial. Ela não reclamava de sua cor ou de seu cabelo, mas, sim, de tudo que ela passava devido à pobreza e à dificuldade; embora, na época (e ainda hoje), uma pessoa com suas características físicas era subjugada e, muitas vezes, discriminada.

Das identidades da personagem, que podem ser percebidas na obra, a mais exacerbada é a materna. A construção materna está relacionada ao vínculo entre mãe e filho, vínculo esse que supera os laços sanguíneos – maternagem – e alcança o campo do dever, do cuidar, da responsabilidade e do amor: “[...] os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los [...]” (JESUS,

2014, p. 16-17). Assim, mesmo estando cansada, doente e mal alimentada, ela saía às ruas para catar papel, fosse dia chuvoso ou de sol, fosse na favela ou na cidade. Ela até mesmo revirava o lixo para que seus filhos não morressem de fome. A favela exigia dela mais esforço e mais resistência para sobreviver e criar suas crianças.

Considerando uma perspectiva sociocultural, que está ligada ao fato de a favela ter uma multiculturalidade devido às origens de sua formação – aglomeração de pessoas advindas de vários lugares e sem condições financeiras para irem para um lugar mais digno e com melhor infraestrutura –, a maternidade de Carolina se constrói em um ambiente depreciado, subjetivado e conflituoso, o que a identifica como uma mãe e mulher necessariamente forte, batalhadora, resistente e firme, características que, de acordo com suas colocações sobre o lugar em que vivia, não seriam tão acentuadas se ela não vivesse lá.

A identidade materna da personagem é um tanto peculiar se comparada à imagem que ela passa das demais mães de seu espaço social. Essa identidade incorpora a maternidade, a maternagem e a aversão que sente pelo espaço onde reside. Isso está relacionado às suas necessidades e a de seus filhos, assim como à luta pela sobrevivência no lugar em que residem. Sua identidade materna está envolta em uma onda de caráter, amor, preocupação com o futuro, com a imagem da família e com a vida das suas crianças. Carolina buscava ser um exemplo para os filhos e também fazer deles boas pessoas, de bom caráter e estudadas, algo que não estava entre as preocupações da maioria da vizinhança: “Mas, não vou beber. Não quero viciar. Tenho responsabilidade. Os meus filhos! E o dinheiro gasto em cerveja faz falta para o essencial. O que eu reprovos nas favelas são os pais que mandam os filhos comprar pinga e dá as crianças para beber [...]” (JESUS, 2014, p. 21).

Como antes mencionado, o espaço está diretamente ligado ao sujeito e à sua narrativa. Carolina se envolve com esse espaço de uma forma negativa, tanto física quanto emocionalmente. Percebe-se que há um conflito entre ela e sua condição de moradora de comunidade: “[...] Eu não estou descontente com a profissão que exerço [...]. O desgosto que tenho é residir em favela” (JESUS, 2014, p. 22). Além disso, é possível observar que a narradora prioriza o sonho de deixar aquele local. No entanto, não consegue, devido à sua identidade, ter uma postura passiva diante dos problemas de seus vizinhos ou do descaso dos políticos com o lugar e com os moradores. Ela não deixa de odiar o lugar, porém não ignora o sofrimento das outras pessoas que vivem ali. Tais colocações são apenas um esboço das interferências da narradora no ambiente e do ambiente nas atitudes da narradora:

[...] Quatro mulheres e um menino avançaram na mulher com tanta violência e lhe jogaram no solo. A Marli saiu. Disse que ia buscar uma pedra para jogar na cabeça da mulher. Eu pisei a mulher no carro e o Alcino e mandei eles ir-se embora. Pensei em ir chamar a Polícia. Mas até a Polícia chegar elas matavam a mulher [...]. As mulheres da favela são horríveis numa briga (JESUS, 2014, p. 50).

Sua fala também é marcada por denúncias de pauta racial, social, sanitária e de segurança e esse contexto em que a narradora se encontra impacta diretamente suas decisões, quando o assunto é seus filhos:

Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no álcool os meus filhos não irão respeitar-me. Escrevendo isto estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfações a ninguém [...] (JESUS, 2014, p. 74).

Nesse trecho, é possível observar que, ainda que ela não queira justificar-se para os outros, sua decisão de não se deixar viciar em bebida alcoólica é motivada pelo fato de ela buscar passar um bom exemplo para os seus filhos e, ao mesmo tempo, obter o respeito deles, poder controlá-los. Ou seja, por considerar o ambiente no qual se encontra propício para os vícios e para a criminalidade, a personagem buscava evitar maus exemplos e situações que fogem de seu controle.

Considerando-se o conceito de maternagem, percebe-se que, como afirmado anteriormente, o vínculo que foi estabelecido entre Carolina e seus filhos não se restringe ao laço familiar, mas projeta-se também para a relação afetiva. A maior parte das ações da personagem está voltada para o bem-estar das suas crianças. Muitas vezes, ela coloca de lado suas necessidades devido às dificuldades que encontra para manter seus filhos amparados e alimentados. Em muitos momentos, esse laço afetivo impõe a ela deveres que ultrapassam suas condições físicas e sociais. Em *Quarto de despejo*, Carolina se supera para ter condições de sustentá-los, trabalhando de dia e de noite, catando e vendendo tudo o que consegue:

Fui na fabrica, depois fui no senhor Rodolfo. Ganhei mais 20 cruzeiros. Depois fiquei cansada. Voltei para casa. Estava tão cansada que não podia ficar de pé. Tinha a impressão que ia morrer. Eu pensava: se eu não morrer, nunca mais hei de trabalhar assim. Eu estava com falta de ar. Ganhei 100 cruzeiros (JESUS, 2014, p. 111).

A personagem, em momento algum, abre mão de sua condição materna e procura sempre estar em ordem com seus deveres:

Preparei a refeição matinal. Cada filho prefere uma coisa. A Vera mingau de farinha de trigo torrada. O João José, café puro. O José Carlos, leite branco. E eu, mingau de aveia.

Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna.

Terminaram a refeição. Lavei os utensílios depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar [...] (JESUS, 2014, p. 21-22).

Observa-se nesta cena que, por mais tarefas que tenha, por mais necessidades de sair para trabalhar e conseguir dinheiro, sua prioridade é a sua casa e os seus filhos. A cada ato matinal – como preparar o café, comer e lavar vasilhas – ela vai repensando a sua maternagem, o seu vínculo afetivo com eles e, conseqüentemente, o seu papel social diante dessa dupla faceta materna. Ou seja, nessa cena, a cada fato, os filhos vão se mesclando à identidade materna de Carolina, constituindo-a e repensando-a. Assim, a personagem coloca suas obrigações maternas acima de todas as outras coisas, de tal modo que a sua felicidade e o seu bem-estar dependem diretamente da situação em que seus filhos se encontrem.

Carolina enfrenta as adversidades de sua condição social de mulher negra, cujas condições são determinadas pelas dificuldades financeiras, da (sobre)vivência em periferia, de sua condição materna de arrimo de família, mãe solteira e única responsável pela alimentação, educação, sobrevivência dos filhos. Muitas vezes, a agitação causada pela preocupação de não saber onde o filho estava e ter que sair à noite pelas ruas, ir a delegacias à procura dele, dá lugar à paz que ela sente ao perceber que ele está bem. O “alívio” que ela sente está na certeza de que irá voltar para casa com seu filho e que ele está seguro ao seu lado.

Na obra, percebe-se a influência que o espaço exerce sobre Carolina e como ele é um dos fatores determinantes para a construção identitária materna da personagem, pois são justamente todas as dificuldades impostas por aquele ambiente que a levam a ser e a agir como uma mãe que faz tudo em prol da felicidade dos filhos e de uma condição de vida melhor para eles. Não apenas as dificuldades, mas a reação de negação àquele espaço. Por esse motivo, entre as várias facetas identitárias que compõem a personagem a que mais se destaca é a materna. O ambiente age como um fator de transformação e de construção da identidade materna da narradora.

O modo como Carolina percebe sua própria identidade já é anunciado através da metáfora presente no título da obra, como já afirmado. Por meio dessa denominação - Quarto de despejo -, é evidente que o espaço influencia diretamente a autoimagem da narradora. Carolina vê os moradores da favela e a si mesma como seres à margem da

sociedade e que não agregam valores ao meio social no qual estão inseridos e, por isso, encontram-se no “Quarto de despejo” de São Paulo, cujo espaço, ainda que geograficamente faça parte da cidade, socialmente é excluído por ser a favela do Canindé.

Além da personagem não se sentir pertencente àquele lugar, alguns moradores de lá a excluam, ora por ela saber ler e escrever, ora por conseguir arranjar mais dinheiro que os outros com a venda de papéis e sucatas, sendo este um dos tantos motivos para que Carolina tivesse aversão à favela e preocupação com a educação e a segurança de seus filhos.

Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos para fora. A D. Rosa, assim que viu o meu filho José Carlos começou impricar com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. Saiu com um pau para espanca-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com criança! As vezes eu saio, ela vem até a minha janela e joga o vaso de fezes nas crianças. Quando eu retorno, encontro os travesseiros sujos e as crianças fétidas. Ela odeia-me. Diz que sou preferida pelos homens bonitos e distintos. E ganho mais dinheiro do que ela (JESUS, 2014, p. 15-16).

Nesse trecho, é notória a relação abjeta que se dá entre a personagem e o espaço, já que ela se refere à comunidade como “inferno”.

Em outros momentos, quando Carolina inicia seus registros dizendo que choveu, é possível, para o leitor, supor que a narradora não sairá para catar papel, pois, como os papéis estarão molhados em decorrência da chuva, a personagem não conseguirá vendê-los e, conseqüentemente, não conseguirá dinheiro suficiente para suprir as necessidades do seu dia a dia, como, por exemplo, comprar comida para as suas crianças.

Está chovendo. Eu não posso ir catar papel. O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso o uniforme dos indigentes. E hoje é sabado. Os favelados são considerados mendigos. [...] Ageitei um guarda-chuva velho que achei no lixo e saí. Fui no frigorifico, ganhei uns ossos. Já serve. Faço uma sopa. Já que a barriga não fica vazia, tentei viver com ar. Comecei desmaiar. Então eu resolvi trabalhar porque eu não quero desistir da vida. [...] Deus é o rei dos sábios (JESUS, 2014, p. 61).

Entretanto, mais uma vez a maternidade é colocada em evidência, pois, mesmo com a chuva, a personagem sai para trabalhar na tentativa de encontrar outro material que não seja o papel para vender. Nesse trecho, a narradora fala sobre seu sofrimento oriundo das dificuldades em providenciar comida para ela e os seus filhos. Infere-se que essas dificuldades abalem sua identidade materna, visto que ela se identifica e age como provedora do alimento, que é fundamental para o bem-estar e saúde de sua prole. A

frustração da personagem com a fome é tamanha que Carolina chega a desejar ser um animal por julgar que eles possuem mais facilidade para se alimentar que o ser humano.

Além dos problemas da fome, o espaço conturbado, permeado por brigas entre alguns moradores torna seu instinto de proteção em relação aos filhos cada vez mais forte: esse ambiente que a revolta é o mesmo que a incentiva a cada vez mais se preocupar com a qualidade educacional de seus filhos, visto que, se naquele espaço havia uma grande recorrência de atitudes ou comportamentos que serviam de maus exemplos para as crianças, Carolina é forçada a se desdobrar cada vez mais para educá-las de acordo com suas crenças e sua ética, mostrando, assim, que os desvios educacionais e de integridade moral por parte de alguns moradores não deveriam ser reproduzidos pelas crianças, devendo ser tomados como exemplos do que não podia ser feito:

E o pior na favela é o que as crianças presenciam. Todas crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais que se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua para rua. Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazeres para presenciar os bate-fundos. De modo que quando a mulher sai correndo nua é um verdadeiro espetáculo para o Zé Povinho. Depois começam os comentários entre as crianças:

_ A Fernanda saiu nua quando o Armim estava lhe batendo.

_ Eu não vi. Ah! Que pena!

_ E que jeito é a mulher nua?

E o outro para citar-lhe aproximava-lhe a boca do ouvido. E ecoa-se as gargalhadas estrepitosas. Tudo que é obsceno pornográfico o favelado aprende com rapidez (JESUS, 2014, p. 45).

Apesar das dificuldades que Carolina encontra ao sair para trabalhar, seja pelo medo de deixar os seus filhos sozinhos ou pela força extrema que a personagem exerce diariamente para carregar os sacos pesados de papel e sucata que recolhe pelas ruas, ela não reclama da sua profissão de catadora. Afinal é por meio dela que é garantido seu sustento e de sua família. É possível perceber isso pelo tempo que a narradora trabalha com essa atividade:

O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela. (JESUS, 2014, p. 22).

Percebe-se que o que a incomoda mais é não poder gozar de um pouco de conforto, como andar limpa, ter roupas e calçados novos, alimentar-se adequadamente todos os dias e morar em uma casa confortável. Esse desejo e o desgosto por sua vida ocorrem pelo fato de

ela não aceitar viver e criar os seus filhos naquele espaço conflituoso e desprovido de condições básicas para a sobrevivência: “Voltei para o meu barraco imundo. Olhava o meu barraco envelhecido. As tabuas negras e podres. Pensei: está igual a minha vida!” (JESUS, 2014, p. 175). Nessa passagem, assim como na anterior, a narradora expõe seus sentimentos de tristeza e infelicidade por residir com seus filhos em um barraco construído de forma precária na favela.

Ver os filhos sujos e maltrapilhos a incomodava e a entristecia também e, por isso, sempre encontrava oportunidades para declarar que, se ela andava suja e malvestida, era porque a vida estava sendo bastante impiedosa. Ou seja, Carolina transfere para a favela a culpa de muitas de suas amarguras e, nesse momento, o espaço desperta também o seu sentimento crítico em relação à posição dela de ser ignorada pela sociedade por residir à sua margem.

Essa insatisfação com aquele ambiente despertava na personagem sensações e atitudes das quais ela, muitas vezes, arrependia-se. Por sempre procurar ser uma mãe de opinião forte, para que os filhos a respeitassem, evitava mentir ou ainda falar coisas nas quais ela não acreditava ou as quais não cumpriria. No entanto, aquelas dificuldades que enfrentava acabavam por fazer sua palavra falhar com seus filhos e isso a entristecia e a revoltava:

Quando cheguei do palácio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo e a comida era pouca, eu fiz um pouco do macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me:

_Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo.

Foi a primeira vez que via a minha palavra falhar. Eu disse:

_É que eu tinha fé no Kubstchek.

_A senhora tinha fé e agora não tem mais?

Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. [...] a democracia é fraca [...] e tudo que está fraco, morre um dia (JESUS, 2014, p. 39).

É possível perceber, na cena acima, que Carolina se sente descontente com o governo do país, e a sua esperança na democracia, devido às amarguras de sua vida, acaba por diminuir e até desaparecer naquele momento. A personagem, na posição materna que sempre buscou manter-se, viu-se obrigada a deixar que sua palavra falhasse para que eles não passassem fome, e isso fez com que ela se sentisse diminuída. Tendo em vista a relação entre a construção da identidade materna e a espacialidade da narrativa, essa situação a abalava. No entanto, a oportunidade de saciar a fome de sua família acabava por abarcar as outras necessidades. Aquela acontecimento, ainda que justificável pelo peso da fome,

provocou nela um desconforto e, por isso, ela tentou explicar o motivo de sua ação, o qual, nesse caso, seria a sua descrença em um futuro no qual a situação de vida de sua família fosse melhor.

Percebe-se que o amor imensurável que a narradora sentia pelos filhos era a força que a impulsionava a lutar contra a vida difícil que sua família levava na favela. A personagem vivia para cuidar deles. Era em virtude das crianças que ela encontrava certo conforto para vencer os dias difíceis no Canindé. Mas esse conforto acabava quando os seus filhos falavam que estavam com fome:

Quando eu estou com pouco dinheiro procuro não pensar nos filhos que vão pedir pão, pão, café. Desvio meu pensamento para o céu. Penso: será que lá em cima tem habitantes? Será que eles são melhores do que nós? Será que o predomínio de lá suplanta o nosso? Será que as nações de lá é variada igual aqui na terra? Ou é uma nação única? Será que lá existe favela? E se existe favela será que quando eu morrer eu vou morar na favela? (JESUS, 2014, p. 50).

A protagonista estava tão saturada de viver naquelas condições precárias que em alguns momentos ela demonstrava ter medo de, após a morte, ter de viver na favela e passar pelos mesmos suplícios que vivenciava nos dias em que estava no Canindé.

Carolina, em algumas cenas do diário, como resultado da vida atribulada que levava, encontrava-se muito abatida e sem rumo, o que, também em função do espaço que a rodeava, impactava diretamente sua posição diante do mundo e suas ações dentro de casa. Por isso, é possível afirmar que o espaço em *Quarto de despejo* é um dos fatores responsáveis pela construção e pela formação da identidade materna da personagem, já que em vários momentos suas ações são uma resposta ao ambiente em que vive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quarto de despejo é uma obra na qual é possível observar as intrínsecas relações entre a construção da identidade materna de uma personagem e o espaço no qual ela se insere. Nesse livro, a maternidade de Carolina é visivelmente aflorada e o vínculo afetivo que ela mantém com seus filhos é perceptível não apenas em sua luta para mantê-los, mas também em sua entrega a eles. Desde o momento em que acorda ao momento em que pode se deitar para dormir e descansar, a personagem está com o pensamento direcionado para seus filhos: mesmo quando se permite afastar para escrever, os seus sentidos estão voltados para as necessidades deles. Quando ela está nas ruas, sua preocupação é com a segurança

deles e, quando está em casa, Carolina se preocupa com o fato de ter que sair para providenciar dinheiro para o alimento da família. Mesmo assim, ela busca ser uma mãe paciente e íntegra, um ser humano no qual os seus filhos pudessem espelhar-se para se tornarem pessoas de bom caráter.

O espaço, por sua vez, permeia a narrativa de *Quarto de despejo* como sendo uma das peças fundamentais para as colocações da personagem quando esta expõe o motivo que a deixa infeliz: o fato de ter que residir na favela do Canindé. Carolina se posiciona diante daquele espaço de um modo particular e isso pode ser observado desde a forma como ela se coloca diante dos conflitos que existem naquela comunidade até as observações acerca da educação que ela busca para os seus filhos. Muitas vezes, esse espaço a influenciava de forma negativa quanto positiva. Era o ambiente que continuamente a revoltava e ao mesmo tempo a impulsionava. Essa relação entre a narradora e o espaço se dá em diversos aspectos: culturais (por ela se destacar de alguns moradores no que se refere à criação e à educação dos filhos, buscando fazer o oposto do que presencia na favela), identitários (a influência do espaço sobre a imagem que a personagem tem de si mesma nos momentos em que se sente diminuída e abandonada pelos políticos ou, ainda, quando ela precisa agir como uma heroína para sustentar e, ao mesmo tempo, proteger os filhos dos perigos que a vizinhança representa).

Assim, considerando essa mútua influência entre o espaço e a personagem, percebe-se que Carolina, enquanto um sujeito materno, faz dessa identidade a base que norteia sua relação com a comunidade. Em outras palavras, é devido ao espaço em que reside que a personagem se preocupa tanto com a segurança de seus filhos. Ela reprovava a educação que os demais moradores davam às crianças deles e isso a motivava a ser diferente. Portanto, isso demonstra mais uma vez que o espaço é um fator primordial para a construção da identidade materna da personagem Carolina, em *Quarto de despejo*.

REFERÊNCIAS

BORGES FILHO, O. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. São Paulo: Ribeirão, 2007.

CANDIDO, A. A personagem do romance. In: CANDIDO, A. ROSENFELD, A. PRADO, D. A e GOMES, P. E. S. *A personagem de ficção*. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 51-80.

DNDA CARRIJO, F. R. Nas fissuras dos cadernos encardidos: os processos de subjetivação e a discursividade literária incanônica em Carolina Maria de Jesus. *Anais do Silei*, Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 1-20, 2011. Disponível em:

[Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 25, n°2, 2023. e-ISSN: 1982-3010.](#)

<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/2943.pdf> Acesso em: 9 de set. 2017.

GRADVOHL, S. M. O. OSIS, M. D. MAKUCH, M. Maternidade e Formas de Maternagem desde a Idade Média à Atualidade. *Pensando em famílias*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 55-62, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n1/v18n1a06.pdf> Acesso em: 26 nov. 2019.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Disponível em:

<https://pt.scribd.com/doc/179384552/identidade-cultural-na-pos-modernidade-Stuart-Hall-pdf> Acesso em: 18 abr. 2017.

JESUS, C. M. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 2014.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, A. F. Os perfis da literatura de introspecção: o Diário em Virgílio Ferreira e a autoria na autoficção. *Revista Desassossego*, São Paulo, n. 9, p. 125-139, jun. 2013.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/59410/62574>. Acesso em: 14 fev. 2022.

REIS, Carlos. *Pessoas de livro: estudos sobre a personagem*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2015.

SILVA, E. C. *A violência social brasileira na obra de Carolina Maria de Jesus*. 2016. 210 f. Tese (Doutorado em estudos linguagem) – Universidade estadual Paulista, Araraquara, 2016.

Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150468/silva_ec_dr_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 9 de set. 2017.

TOLEDO, C. V. S. Carolina Maria de Jesus: a escrita de si. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 247-257, jul. 2010. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/7066/5732>>.

Acesso em: 9 set. 2017.

Recebido em 16 de fevereiro de 2023.

Aprovado em 18 de abril de 2023.

